

**TER PAZ E FAZER GUERRA.**  
**ASPECTOS SINCRONICOS E DIACRONICOS**  
**DE PREDICADOS COMPLEXOS**

---

*Maria Teresa Brocardo*  
*Clara Nunes Correia*

Nos trabalhos em linguística encontram-se recorrentemente análises que incidem sobre formas verbais que, conjuntamente com o Sintagma Nominal e ou com o Sintagma Preposicional, constituem entidades que se caracterizam por mostrarem algumas formas de solidariedade, nomeadamente ao nível da variação das marcas gramaticais que as constituem. Um caso paradigmático destas ocorrências é o das expressões fixas (ou frases feitas) em que é construída uma unidade complexa sob o ponto de vista da sua estrutura e do sentido, constituindo, até, uma unidade lexical (isto é, constitui uma entrada de dicionário). São exemplos destes casos expressões como

*dar fé, tomar conhecimento, fazer de conta....*

Ao tomarmos como referência nesta comunicação o par *ter paz / fazer guerra* pretendemos encontrar resposta às seguintes questões:

a) existe uma estrutura subjacente a estas sequências que permita entendê-las como predicados complexos?

b) a estabilidade dessas formas, hoje comumente aceite como predicados complexos, encontra eco em textos de português medieval?

c) a variação possível na relação que as diferentes formas gramaticais estabelecem na construção destas predicções (variação de tempo/aspecto no verbo e variação de determinação no nome, por exemplo) alteram a predicção, desfazendo o predicado complexo e passando o verbo a ser um verbo pleno (isto é: *fazer guerra* terá ou não o mesmo valor que *fazer uma guerra*, *fazer a guerra*, *fazer guerras*)?

d) qual a razão por que, em português europeu (PE) contemporâneo, *fazer* pode ser substituído por *ter* em sequências como *X ter uma guerra com y*, mas *ter* só permite a inter-substituição com *fazer* se o nome (N) for marcadamente determinado (*ter paz* vs *fazer a paz* / *fazer as pazes*).

Numa tentativa de dar resposta a algumas destas questões, analisaremos quer as propriedades dos predicados verbais, quer as características semânticas dos nominais que co-ocorrem nas diferentes ocorrências linguísticas, tendo como ponto de contraste sequências linguísticas presentes num *corpus* de textos medievais e a partir de exemplos construídos (atestados em Gramáticas) do PE contemporâneo.

## 1. Os predicados complexos: características sintáctico-semânticas

Os verbos *ter* e *fazer* (entre outros) são analisados na literatura como verbos com um estatuto híbrido: enquanto verbos ‘plenos’, seleccionam argumentos nominais, determinados por todos os marcadores de determinação disponíveis em PE

(1) *ter* um livro / *ter* o livro do Pedro / *ter* livros

(2) *fazer* uma casa / *fazer* a casa / *fazer* casas

Em cada um dos casos referidos acima, a alteração do determinante que antecede o nome do complemento de objecto directo vai ter implicações ao nível da interpretação da totalidade do enunciado onde essa construção ocorre, sendo não só responsável pela construção e pela especificação das ocorrências nominais, como pela natureza aspectual do predicado (por exemplo, se em *fazer uma casa* há a construção de um acontecimento único e delimitado, em *fazer casas* há a construção de um acontecimento linguístico, não delimitado, sendo interpretado, sob o ponto de vista das suas propriedades aspectuais, como uma actividade e não como um evento).

As gramáticas do português (nomeadamente Mateus et al. 2003) mostram que verbos como *ter* e *fazer* podem ser, consoante a predicação onde ocorrem, verbos plenos ou verbos ‘leves’ (suporte, segundo outras propostas). Esta diferença terminológica baseia-se em argumentos de natureza sintáctica e de natureza semântica. Assim, a partir de exemplos como

a) A Maria fez um bolo aos/para os amigos

b) Eles têm uma casa em Sintra (op. cit.: 311)

em contraste com

c) A Maria fez imensas queixas aos amigos

d) Eles têm imensa influência na comissão (idem: 312)



defende-se que os verbos *fazer* e *ter* que ocorrem em c) e d) sofreram um processo de dessemantização, sendo por isso, analisados como verbos ‘leves’. Essa dessemantização, no dizer das autoras, permite, para além de outras propriedades, que as duas predicções possam ser parafraseadas com outras formas verbais tais como

- e) A Maria queixou-se (muito) aos amigos
- f) Eles influenciaram imenso a comissão

Por outro lado, e contrariamente ao que se passa em a) e b), parece não existir a construção de um estado resultante, quando se analisam estes exemplos em contraste com c) e d) (e por extensão com e) e f)), isto é, sobre a predicção *X fazer Y*, enquanto que em (a) pode ser construído um valor como ‘o bolo está feito’, não pode o mesmo acontecer sobre (c).

Estas diferenças assentam sobretudo na caracterização da totalidade do predicado – relação do verbo com os seus argumentos externo e interno: se, enquanto verbo pleno, *fazer* é marcador de um acontecimento realizado, ou que pode ser realizado, enquanto verbo ‘leve’ perde esse valor; com *ter* como verbo pleno é construída uma relação de posse, enquanto que, como verbo ‘suporte’ (ou ‘leve’), perde esse valor.

Uma outra fronteira possível de delimitar esses diferentes valores pode ser encontrada num modelo de análise em que seja previsível que as ocorrências verbais são formatadas diferentemente de acordo com as relações que os itens lexicais estabelecem num dado enunciado. Assim, sempre que *ter* e *fazer*, por exemplo, são responsáveis por delimitar um acontecimento – construir um estado resultante ou estabelecer uma relação de posse/pertença – a formatação em presença tem uma natureza discreta, i.e., quantificável; se, pelo contrário não é possível quantificar o acontecimento – isto é, se a delimitação desse acontecimento linguístico é feita como um todo – a formatação é de natureza não discreta. Note-se que não deve ser entendida esta não discretização como um bloqueio à enumeração do N. Por exemplo em

### (3) O país X fez duas guerras nos últimos anos

a quantificação /enumeração do N *guerra* deve ser entendida como a enumeração de dois acontecimentos distintos um do outro, ou seja, há a enumeração de um suporte temporal e não de uma ocorrência, como acontece, contrastivamente em *X fez dois bolos aos amigos*.

Estes breves comentários sobre as diferenças propostas nas gramáticas sobre verbos passíveis de serem considerados de acordo com uma etiqueta diferente – verbos plenos e verbos suporte – podem encontrar eco nas ocorrências destes predicados em textos do português medieval. Esta análise

contrastiva evidenciará algumas particularidades e algumas regularidades que poderão dar uma resposta – ou mesmo obrigar a repensar os dados sincrónicos.

## 2. Ocorrências de *guerra* e *paz* em textos medievais

### i. *seer* / *estar em guerra/paz*

Em textos medievais encontramos, naturalmente, estruturas equivalentes às actuais *estar em guerra / paz*, notando-se apenas algumas diferenças formais, devidas às mudanças que afectaram as formas verbais, quer ao nível semântico, quer ao nível morfológico. Citem-se apenas dois casos, que constituem exemplos bem conhecidos dos contrastes evidentes nos dois níveis referidos: o primeiro exemplifica um uso de *seer* com valor próximo do etimológico (lat. SEDERE, “estar...”) e o segundo uma forma ainda não afectada pela mudança analógica (em que, por influência das formas correspondentes de *seer*, as formas do presente do conjuntivo de *estar* adquiriram a actual estrutura morfológica):

**seendo elles en guerra.** [Séc. XIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder **sten en paz** e en folgãcia [Séc.XIII (1214) TAfonsoII. Costa]

### ii. *aver guerra(s)* / *são pazes* (valor de existência)

Percorrendo textos em português medieval (PM), podemos registar a ocorrência de *guerra* em estruturas do tipo *(h)aver guerra(s)* com valor de existência, equivalentes semântica e formalmente às que ocorrem em português actual (PA):

E este cõde dõ *pedro* quando **ouue guera** antre portogal e castella logo do começo esteue ã riba de minho [Séc.XIV (1380?) LLConde DPedro. Brocardo]

Mas seguyo-se que sempre depois amtre elles **ouue muy gramdes guerras**, caa Mulley Buçayde comtemdeo com Mulley Aaço [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

**pellas gramdes guerras que avia** amtr’elles [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]



Nos textos pesquisados (cf. Fontes textuais) encontramos um único exemplo de *paz*, no plural, numa estrutura com idêntico valor, mas em que o verbo usado é a forma *são*<sup>1</sup>:

mas vos sabeis como eu são vassallo dell rrey de Castella *e as pazes que são* de hũa parte a outra [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Sobre este exemplo, note-se que a diferença do verbo usado, não parecendo evidenciar qualquer contraste semântico relativamente às ocorrências exemplificadas para *guerra*, determina, porém, um contraste ao nível morfo-sintático – *ouue/ auia guerras mas são pazes*. O exemplo tem sobretudo interesse por atestar, num texto tardio dentro do período considerado, o “sentido existencial de *ser*, cujos vestígios ainda se conservam em frases como *era uma vez um rei*” (Ali [1931<sup>2</sup>] 1964<sup>6</sup>: 157), mas que, segundo a mesma fonte, se “obliterou” há muito.<sup>2</sup>

### iii. *aver/ter guerra(s)/paz(es)*

Parece significativo o número de exemplos medievais em que *guerra* ocorre como complemento de *aver/ter*. Note-se que nos exemplos registados a alternância entre os dois verbos é a previsível tendo em vista a cronologia dos textos, ocorrendo exclusivamente *aver* nos mais antigos e aparecendo, no século XV, *ter*, mas sem que seja possível determinar já vestígios do contraste semântico entre os dois verbos que se verifica, por vezes, em textos mais antigos (v., p. ex., Silva 1993: 78-79). Num primeiro grupo de exemplos, temos *aver/ter Ø guerra*, isto é, não há marca de determinação:

*Pero se el rrey ouuer guerra* cõ cristãos deue scusar os prelados [SécXIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

assi como quando *ouuesse guerra* contra os enmjgos da fe [SécXIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

el *auya guera* cõ el Rey dom sancho seu filho (...) e fez ã este tẽpo muytas lides [Séc.XIV (1380?) LLConde DPedro. Brocardo]

<sup>1</sup> Diacronicamente não seria muito rigoroso referir esta forma como “forma do verbo *ser*”, dada a diferente etimologia (ESSE e não SEDERE), embora o exemplo assinalado seja já tardio (século XV), portanto referente a uma época em que as formas etimologicamente diferentes que viriam a constituir o actual paradigma de *ser* não pareçam já mostrar contrastes semânticos evidentes, como acontece em textos mais antigos.

<sup>2</sup> V. também, por exemplo, Silva (1993: 72-73).

porque comtynnuadamente **teveram guerra**, sã nenhũ antrepoimemto de paz [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

caa muito mais tempo **tẽ pazes** e tregoas que **guerra** com seus comarcãos [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Encontrámos também vários exemplos em que *guerra* ocorre com marcas de determinação, quer no singular, quer no plural:

Este priol dõ aluaro de pereyra (...) foy o *que* pasou alẽ mar (...) cõ caualeiros *e* outras gentes muytas pera a **guera que os espitaleres hã** cõ os turcos *e* cõ soriaos *e* barbaros *e* d'aleyxadria. [Séc.XIV (1380?) LLConde DPedro. Brocardo]

Pois *qual* foy sua [deles] virtude em aquella grande batalha do Selado todos ovistes *e* sabeis, *e* assy das **guerras que ouverão** com has outras nações [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

a comtynuação das **guerras que ham** com hos *cristãos* lhes daa grande ajuda. [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

assy foram **as guerras que os nossos naturais ouverã** com aquella çismatica gente mais bramdas [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Encontrámos menos ocorrências de *paz* neste tipo de estrutura. Num único exemplo temos um uso semelhante ao do português actual (com *haver* em vez de *ter*), com *paz* sem marca de determinação:

*que aiã paz* e amor entre eles [SécXIII (doc.1270) ChancAfonsoIII. Duarte]

Nos outros dois exemplos registados, *paz* ocorre no plural, num deles com marca de determinação:

caa muito mais tempo **tẽ pazes** *e* tregoas que guerra com seus comarcãos [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

não escaparã mais de tres homẽs, pero todo logo foy entregue por causa das **pazes que os mouros tinham** com Castella [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]



iv. *fazer guerra / paz*

Registámos exemplos de *fazer guerra*, com e sem marcas de determinação, mas sempre no singular:

& **fazede guerra** e paz por Rey de Portugal. uos e todos successores uos-sos [SécXIII (doc.1271) ChancAfonsoIII. Duarte]

se depouys alguu dano ou **algũa guerra lhy fezer** [SécXIII (1280?) Foro-Real. Ferreira]

caa vivemos em grande trabalho com **ha** comtynuada **guerra que nos faz** [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

louvando muito a ell rrey de Portugall pella comtynuaçã da **guerra que fazia** contra os ymfies [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

e como quer que hos mouros bem soubessẽ que elle nõ hera homẽ de nobre linhagem, pella **guerra** que elles sabiam **que lhes fazia** comtynuadamente [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Notem-se as diferentes formas que marcam um valor aspectual durativo (quer formas nominais, adjetivais e adverbiais – *comtynuaçã*, *comtynuada*, *comtynuadamente* – quer marcas verbais – imperfeito e presente) nalguns dos exemplos acima.

Mesmo sem termos feito uma pesquisa exaustiva (dada a variação das formas verbais), pudemos encontrar muitas atestações de *guerr(e)ar* (de que damos apenas alguns exemplos):

E outrossy deuẽ catar que a nõ façã en logar alto nõ forte *per* que sse podesse a uila *perder* fazendo enelas bastidas *pera* **guerrrar** a uila ou a alçaoua [SécXIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

Deyxo os da ilha de Rodes, que casy sempre **guerream** com hos turcos [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

pareço-lhe que teriam ally como castello *pera* **guerrearẽ** dally aos cristãos [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

O cuydado do comde não hera outro senã afastar os mouros quanto podesse d'açerca da çidade e **guerrea-llos** *por* tall guisa que deyxassem sua vezinhamça [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Segundo, por exemplo, Mateus et. al. (2003: 312), a existência de “verbos principais com um significado equivalente ao do predicado complexo formado pelo verbo leve e pela expressão nominal que com ele se combina” (no nosso caso *fazer guerra*) constituiria uma das manifestações do “processo de esvaziamento lexical [deste tipo de verbos] a que alguns autores chamam **gramaticalização**”.

Registámos apenas duas ocorrências de *fazer paz*, mas em ambos os exemplos, ao contrário do que parece ser corrente no português actual em estruturas deste tipo, *paz* ocorre sem marca de determinação:

por *que* a todo tenpo outorgamos & *conuíjmos* a **fazer paz** *per* nos & *per* todas nossas bóas gáánadas & por gáánar [Séc.XIII, (doc. 1282) Maia]

& **fazede** guerra e **paz** por Rey de Portugal. uos e todos successores uos-sos [SécXIII (doc.1271) ChancAfonsoIII. Duarte]

#### v. *meter/receber/dar/trazer paz(es)*

Em contrapartida, *paz* ocorre em estruturas semelhantes com vários outros verbos:

e **meteu** o abade **paz** a[n]tre illes ãno carualio de Laurecdo [Séc.XIII (1214?) NTorto]

e ñõ *quiserem* **meter** **paz** *antre* elles ou aueença se poder [SécXIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

ante he teudo de **meter** **paz** e auẽença *antre* os *que* forẽ mal *querentes* e *desauijndos* [SécXIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

nunca querendo **rreçeber** **paz** ñẽ tregoa [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

posto que vos **estas pazes** assy **dessem**, **foram dadas** *per* ell rrey dom Fernando [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

porque as guerras delles **traziam** **paz** a nos. [Séc. XV? ZurCPM. Brocardo]

Em resumo, os exemplos medievais registados parecem poder sustentar uma generalização de certo modo previsível, e esta é de que o principal contraste com o português actual reside numa maior variabilidade formal (lexical e morfológica) ao nível de alguns dos verbos que ocorrem com *guerra* e



*paz*. Esta decorre, como se sabe, de mudanças semânticas sofridas por estes verbos (PM (valor de existência) *aver* / formas de < ESSE vs PA *haver*; PM *seer* / *estar* vs PA *estar*; PM *aver* / *ter* vs PA *ter*).

Nas expressões com *fazer*, as diferenças parecem antes residir, embora os exemplos sejam pouco numerosos, na ausência de marcas de determinação em *fazer paz*, em PM (em PA *fazer a paz* ou a expressão fixa *fazer as pazes*), bem como na ocorrência de expressões como *meter* (entre outras) *paz*, mas *dar pazes*.

Não parece, pois, poder concluir-se que as diferenças apontadas configurem uma diferente caracterização dos verbos que ocorrem com *guerra* e *paz* (em *fazer guerra* / *paz*) no que respeita ao seu estatuto de verbos de suporte (ou ‘leves’). O “esvaziamento lexical” (ou “dessemantização”) não é, pois, evidente como processo diacrónico, decorrendo, em PM como em PA, das relações estabelecidas ao nível dos predicados em que ocorrem.

### 3. ‘guerra’ e ‘paz’: estabilidade semântica de termos complementares

A partir dos dados apresentados anteriormente, poderemos centrar-nos na análise das características semânticas dos Nomes *guerra* e *paz*. Enquanto ocorrências nominais, ‘guerra’ e ‘paz’ apresentam propriedades semânticas tradicionalmente interpretadas como termos opostos, no entanto essa oposição ultrapassa a mera construção de sentido dessas ocorrências, podendo ser analisadas tendo em conta as características formais que permitem entendê-las como formas nominais com funcionamentos linguísticos diferentes. Aceitando que *paz* e *guerra* possam constituir um dos termos dos predicados complexos com verbos como *ter* e *fazer* (para além de outros verbos exemplificados nos textos medievais) verifica-se que, em PE contemporâneo, *guerra* é um N com propriedades discretas (podendo por isso ser enumerado e /ou pluralizado), enquanto que o N *paz* apresenta um funcionamento de natureza diferente. Esta diferença é visível, por exemplo, na não discretização directa deste Nome, ocorrendo em sequências preferencialmente singularizadas como *ter paz* e *fazer a paz*. Este facto é resultante de uma formatação nominal em que *paz* funciona como um N cuja representação linguística é construída como um termo não permeável à fragmentação / enumeração das diferentes ocorrências nominais construídas. Assim, quer quando é pluralizado (*fazer as pazes*), ou quando é quantificado (*ter uma grande paz de espírito*), os valores do N não são alterados, mas sim o acontecimento linguístico descrito. Assim, em *fazer as pazes* é (re)construído um novo valor que incide sobre toda a predicação, construindo-se, neste caso, uma expressão fixa, actualmente em PE, com valor lexical diferente de ‘*fazer a paz*’; no segundo caso, (*ter uma grande paz de espírito*) não se constrói qualquer enumeração

sobre o N, mas sim um valor de alto grau, que incide sobre o sujeito da predicação, estando-se formalmente em presença de uma ‘pseudo discretização’.

Note-se, no entanto, que, pelos exemplos analisados nos textos de PM, encontramos uma certa forma de equivalência entre *fazer paz* e *dar pazes*. Em qualquer destes casos, o valor manifestado nestas formas pode ser interpretado como um valor que decorre de um N eventivo – como *fazer a guerra* ou *fazer as guerras* – funcionando o predicado como um predicado complexo, tal como se descreveu acima. Para estes exemplos é possível construir uma paráfrase com uma nova predicação – *pacificar* (tal como para *fazer guerra* existe *guerrear*).

#### 4. Algumas breves conclusões

Ao decidirmos participar nestes Encontros quisemos mostrar que *fazer guerra* e *ter paz* são noções complexas que são representadas nos diferentes estádios da língua como formas linguísticas que por si só nada têm de pacíficas. Ao tentarmos entender o que são os predicados complexos tentámos recorrer a uma estabilização de conceitos disponíveis nas diferentes propostas de análise, procurando descrever, mais do que justificar.

Sendo as formas linguísticas formas de representação, ao descrever estas diferentes formas pretendemos, sobretudo, mostrar como se podem construir os diferentes sentidos de *ter paz* e de *fazer guerra*.

#### Fontes textuais usadas para o português medieval

(por ordem cronológica dos textos, com remissão para as edições consultadas)

[Séc. XIII (1214) TAfonsoII. Costa]

COSTA, Avelino de Jesus da, [1979] 1992<sup>2</sup>, “Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico” in *Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*, Porto, S.P.E.M., pp. 169-256

[Séc.XIII (1214?) NTorto]

CINTRA, Luís Filipe Lindley, 1990, “Sobre o mais antigo texto não-literário português: a ‘Notícia de Torto’ (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)”, *Boletim de Filologia* 31, pp. 22-77

[Séc.XIII ChancAfonsoIII. Duarte]

DUARTE, Luiz Fagundes, 1986, *Documentos em português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa (dissertação de mestrado)



[Séc.XIII Maia)]

MAIA, Clarinda de Azevedo, 1986, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, INIC

[Séc.XIII (1280?) ForoReal. Ferreira]

FERREIRA, José de Azevedo, 1987, *Afonso X. Foro Real*, Vol. I (*Edição e estudo linguístico*), Lisboa, INIC

[Séc. XIV (1350?) PrimPartida. Ferreira]

FERREIRA, José de Azevedo, 1980, *Alphonse X, Primeyra Partyda. Édition et Étude*, Braga, INIC

[Séc.XIV (1380?) LLConde DPedro. Brocardo]

BROCARD, Maria Teresa, (em preparação), *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, segundo o fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (Séc. XIV), edição electrónica

[Séc.XV? ZurCPM. Brocardo]

BROCARD, Maria Teresa, 1997, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – JNICT

## Referências

ALI, Manuel Said, [1931<sup>2</sup>] 1964<sup>6</sup>, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.*, 2003, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e, 1994, *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, São Paulo / Bahia, Contexto